

**O debate sobre a Nova Teoria da Comunicação: questões sobre fenomenologia, ontologia, linguagem e epistemologia**

The debate on the New Theory of Communication: questions about phenomenology, ontology, language, and epistemology

El debate sobre la Nueva Teoría de la Comunicación: cuestiones sobre fenomenología, ontología, lenguaje y epistemología

**Deodato Rafael Libanio**

Universidade de São Paulo | [deodatorafael@usp.br](mailto:deodatorafael@usp.br)

**Resumo:** Este artigo retoma o debate sobre a Nova Teoria da Comunicação, a partir de comentários de importantes pesquisadores da área sobre a obra de Ciro Marcondes Filho. São discutidas as bases da Nova Teoria da Comunicação com relação à autonomia do campo científico da área. Já sobre a ontologia e a epistemologia da comunicação, buscamos trabalhar a problemática acerca do objeto de estudo e de que forma ele pode ser pesquisado, com vistas à produção de conhecimento. Tensionamos as críticas com os fundamentos da Nova Teoria, na tentativa de avançar na discussão e na problematização do pensamento de Marcondes Filho.

**Palavras-chave:** Nova Teoria da Comunicação; fenomenologia; epistemologia.

**Abstract:** This article addresses to the debate on the New Communication Theory proposed by Ciro Marcondes Filho, based on comments by important researchers in the area. The foundations of the New Communication Theory are discussed in relation to the autonomy of the scientific field. Regarding the ontology and epistemology of communication, we seek to work on the issue of the object of study and how it can be researched, aiming at the production of knowledge. We tense the criticisms with the foundations of the New Theory, in an attempt to advance the discussion and problematization of Marcondes Filho's thought.

**Keywords:** New Communication Theory; phenomenology; epistemology.

**Resumen:** Este artículo retoma el debate sobre la Nueva Teoría de la Comunicación, a partir de los comentarios de importantes investigadores del área sobre el trabajo de Ciro Marcondes Filho. Se discuten las bases de la Nueva Teoría de la Comunicación con relación a la autonomía del campo científico en el área. En cuanto a la ontología y epistemología de la comunicación, buscamos trabajar el tema del objeto de estudio y cómo se puede investigar, con miras a producir conocimiento. Tensamos las críticas con los fundamentos de la Nueva Teoría, en un intento por avanzar en la discusión y problematización del pensamiento de Marcondes Filho.

**Palabras clave:** Nueva Teoría de la Comunicación; fenomenología; epistemología.

## Introdução

O trabalho de Ciro Marcondes Filho (1948-2020)<sup>1</sup> é marcado pela construção da Nova Teoria da Comunicação, como ficou conhecida no meio acadêmico. Sua proposta visa fundar uma ciência fundamental, com sua própria ontologia e epistemologia, por isso, está mais próxima da filosofia do que das ciências sociais, da linguística e da semiótica. O projeto tomou corpo com a publicação de *O princípio da razão durante*, obra dividida em sete volumes nos quais o autor traça seu percurso teórico e filosófico para a formulação dos conceitos de comunicação, informação e sinalização e de sua proposta de procedimento de pesquisa<sup>2</sup>.

O debate sobre a Nova Teoria efervesceu depois de *O princípio da razão durante* e da participação do autor no 20º Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), com o texto *De repente, o prédio falou comigo* (MARCONDES FILHO, 2011a). Entre as contribuições oferecidas na sequência, destacamos os textos de José Luiz Braga (2010; 2012), Ângela Marques e Luís Mauro Sá Martino (2018) e Luiz Signates e Elizabeth Venâncio (2018)<sup>3</sup>.

Este artigo tem como objetivo redimensionar o debate sobre a Nova Teoria da Comunicação, ou seja, mudar o plano teórico e conceitual em que a discussão ocorre. O que impulsionou o desenvolvimento do texto foi a argumentação crítica dos comentadores da Nova Teoria. Como Marcondes Filho (2011b) já mostrou suas contribuições, ao se contrapor às objeções de Braga (2010), as discussões, aqui, estão centradas nos comentários de Marques e Martino (2018) e de Signates e Venâncio (2018).

Estruturamos o texto da seguinte forma: em um primeiro momento, é retomado o debate sobre a Nova Teoria, trazendo alguns apontamentos de Marques e Martino (2018) e de Signates e Venâncio (2018); do segundo tópico em diante, são trabalhados aspectos gerais da obra de Marcondes Filho, buscando o tensionamento com as críticas apresentadas – o primeiro aspecto discutido é a ideia de ciência autônoma; na sequência, delimitamos a diferença entre acontecimento e acontecimento comunicacional; posteriormente, discutimos a ontologia da comunicação, demarcando os aspectos que envolvem o objeto; no quinto tópico, discutimos a diferença entre informação, sinalização e comunicação; e, por

---

<sup>1</sup> A primeira versão deste texto foi o penúltimo trabalho que produzimos sob a orientação de Ciro Marcondes Filho, que nos ajudou no amadurecimento das reflexões expostas. Nossos diálogos eram imensamente ricos, não temos palavras para demonstrar como eles foram fundamentais em nossa formação. Fica registrado o nosso agradecimento, admiração e imenso carinho pelo amigo, professor e orientador, que foi fundamental em nossa carreira. Seu legado repercutirá nas próximas gerações, temos convicção disso.

<sup>2</sup> Vale ressaltar que a Nova Teoria da Comunicação não foi concluída pelo seu criador, tanto que, nos seus últimos textos, como *Comunicologia e mediologia?* (MARCONDES FILHO, 2018a) e *Hora de reescrever as teorias da comunicação* (MARCONDES FILHO, 2019b), o autor inseriu novos elementos em sua proposta, como a questão da incubação, por exemplo. Isso mostra que ainda havia pontos a serem aprimorados e aprofundados. Aliás, pontuamos que era uma vontade do autor que sua proposta sempre se atualizasse, estando alinhada à reflexão sobre os conflitos e as questões pungentes no âmbito histórico e social (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 19; 2019b, p. 11-12).

<sup>3</sup> Ressaltamos que todos os artigos que comentam a obra de Marcondes Filho, aqui citados, foram publicados antes de sua morte.

fim, argumentamos sobre a epistemologia da comunicação, abordando o metáforo como procedimento de investigação. Nas considerações finais, levantamos os aspectos principais do debate, que contribuem para o desenvolvimento das reflexões.

## O debate acerca do metáforo

Antes de discutir sobre os textos dos comentadores da obra de Marcondes Filho, ressaltamos que o autor buscou divulgar a Nova Teoria da Comunicação em eventos científicos da área desde 2011, com o texto *De repente, o prédio falou comigo*, até 2018, com *Pequenas percepções, grandes mudanças*<sup>4</sup>, na tentativa de trabalhar o conceito de comunicação mostrando trechos dos relatos de pesquisa dos seus alunos<sup>5</sup>. Ou seja, seus textos são ensaísticos, inspirados por relatos de pesquisas metapóricas – não são, portanto, uma pesquisa metapórica *stricto sensu*.

Marques e Martino (2018, p. 44-45) propuseram discutir a pesquisa em comunicação levando em conta algumas contribuições dadas por Marcondes Filho em encontros da Compós. Os autores tratam do conceito de comunicação, mas não abordam as questões ontológicas da Nova Teoria, elaborando uma discussão em torno do procedimento de investigação. São eleitos três pontos para desenvolver as problematizações: a possibilidade de se relatar uma experiência; qual concepção de “ciência” sustenta essa forma de vivência; e a possibilidade de validação científica do relato (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 51). Cabe-nos discutir cada ponto.

No primeiro ponto, os comentadores problematizam as perdas da experiência comunicacional ao serem colocadas em um relato de pesquisa. A experiência tem uma dimensão mais complexa, que extrapola as possibilidades da língua e até mesmo da linguagem artística. Em suma, eles afirmam que não há descrição que permita sentir ou apreender “as sinestésias da cena em análise” (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 52). Esse fato se torna uma complicação da pesquisa metapórica, porque Marcondes Filho propõe que os conceitos floresçam a partir da experiência da pesquisa, e não como dados anteriores ao trabalho do pesquisador. Assim, eles julgam que a Nova Teoria busca na empiria “um modo de fazer falar as pequenas percepções, as formas, forças e movimentos que pulsam nos relatos”. Seu elemento central seria a possibilidade de ver o nascimento de uma epistemologia que inclua “mais do que a explicação, a percepção da vivência performada no acontecimento e no texto” (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 53). Na interpretação dos comentadores, o conceito de comunicação da Nova Teoria é construído a cada relato de pesquisa, e isso se torna um problema, porque o relato não abarca a amplitude da vivência. O problema se amplia quando Marcondes Filho discute a “produção de sentido como ‘parte da comunicação’”. Nas palavras dos autores,

<sup>4</sup> Ver: Marcondes Filho (2011a; 2012; 2013b; 2016b; 2017b; 2018b).

<sup>5</sup> Desde 2010, é realizado anualmente o Festival Metapórico, em que os alunos da disciplina Pesquisa da Comunicação do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) apresentam os seus relatos metapóricos de pesquisa. Tivemos a oportunidade de organizar os festivais de 2019, sob a tutela e com a participação de Marcondes Filho, e de 2020, na sua ausência.

Marcondes Filho [...] indica o problema da produção de sentido como “parte da comunicação”. Certamente isso vem de encontro ao nosso argumento: há um problema que remete às próprias raízes da linguagem e em sua possibilidade de expressão. Limites, aliás, bastante estreitos quando comparados com a riqueza da experiência. No entanto, na medida em que a linguagem é o suporte necessário para o relato das experiências, não seria possível observar a ocorrência de um paradoxo? (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 53-54).

Como podemos perceber, os autores notam o sentido como algo da “linguagem”, e o campo do acontecimento como algo da ordem do “estético”, o que levaria a uma contradição, pois a linguagem estaria atuando como suporte de algo que ela não consegue sustentar.

Ainda no primeiro ponto, segundo a interpretação de Marques e Martino, o acontecimento comunicacional provoca uma transformação no sujeito. Essa transformação ocorre no campo da estética, dando a entender que a comunicação é “incomunicável”, em certa medida. Nessa linha, seria possível argumentar que os limites do relato e da linguagem destinariam à produção de “certo efeito de alienação do próprio sujeito da comunicação em relação à experiência, uma vez que sua compreensão, no aspecto cognitivo, comporta uma dimensão discursiva sem a qual não é possível dar sentido ao fenômeno”. Ou seja, o próprio “sujeito” da comunicação não é capaz de compreender o que o transformou (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 54).

Para Marques e Martino (2018, p. 54), a escrita não deve ser “tomada” no fim da pesquisa, apenas para reportar o que foi vivenciado. Ela deve ser tomada como problema e recurso, sem dar ao leitor uma “premissa e uma conclusão”. Portanto, a escrita do “qualitativo se distancia da representação e se configura no verdadeiro trabalho de pesquisa, não só o seu prolongamento ou valorização”.

O último problema colocado nesse primeiro ponto é sobre o aspecto da incubação. Eles se alicerçam nos textos que Marcondes Filho apresentou nos encontros da Compós de 2016 e de 2018 para questionar se o tempo de incubação “corresponderia” a um “tempo de dissolução” da experiência comunicacional, principalmente pela “dificuldade ontológica de inscrição no campo da linguagem” (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 56).

Os autores também pontuam que a quebra ou ruptura do cotidiano por parte da comunicação pode provocar uma perda da referência do real:

A experiência estética emerge, dentre outros lugares, nos fluxos constantes da vida vivida, causando uma ruptura, uma quebra, uma descontinuidade. O problema da suspensão total da rotina cotidiana é a perda de referência do real. Berger e Luckmann [...] já falavam isso: o real é uma construção e só temos a sensação de que compartilhamos uma realidade por causa do cotidiano que nos assegura rotinas e iterações de normas e condutas. Se suspendemos a familiaridade do cotidiano, qualquer um vai se desorientar – ao mesmo tempo, essa condição parece ser fundamental para a emergência da Comunicação (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 56-57).

Esse problema leva a um questionamento sobre como o acontecimento pode ser entendido e avaliado. Se ele não pode ser compartilhado pela linguagem e a sua natureza faz com que se perca a referência do real, então, qual concepção de ciência esse conceito requer? Aqui, os autores fundamentam o segundo ponto de discussão (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 57).

Levando em conta os artigos em que Marcondes Filho apresenta relatos de pesquisa, os comentaristas notam haver uma experiência que passa por “três narrativas, ou três planos de narrativas: o sujeito que teve a vivência, o pesquisador que a ouve e reelabora, a apresentação dentro dos formatos institucionais de ‘artigo científico’”. Ou seja, um sujeito tem sua fala “recortada” por um pesquisador que “extrai dela material empírico”, a interpreta e a reelabora em uma construção textual (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 58-59). Portanto, se a consolidação da experiência já é problemática, a formulação de um conhecimento científico se torna ainda mais complicada.

No terceiro ponto, Marques e Martino (2018, p. 60) discutem que apostar em uma ciência que se sustenta em um relato subjetivo pode incorrer em um “subjetivismo”, levando a um impedimento da avaliação e da contra-argumentação pressupostas pelo jogo científico. E, por fim, problematizam a criação de “situação de comunicação”, no que diz respeito à delimitação da pesquisa metapórica, que pode levar a uma “elaboração artificial de abertura e estranhamento”, na tentativa de que aconteça a comunicação a qualquer custo (MARQUES; MARTINO, 2018, p. 60-61).

Já Signates e Venâncio (2018, p. 8) discutem algumas raízes filosóficas do conceito de comunicação, na tentativa de apresentá-las e de pontuar algumas críticas. Assim como Marques e Martino, eles apontam para o problema da imprecisão da linguagem na narrativa do acontecimento. Para desenvolver a reflexão, selecionam vídeos da internet como material de análise. Partindo das “interações dialógicas mediadas pela internet”, observam as “reações dos usuários quando se deparam com o acontecimento midiático de uma prática de intolerância religiosa”. Porém, não elucidam o motivo da escolha de materiais da internet para problematizar algo da Nova Teoria.

A análise dos dados mostra que os internautas usam informações para formar suas opiniões e para sustentar seus posicionamentos, sem qualquer neutralidade. Os debates indicam que há uma busca “intencional entre dois polos, que se digladiaram para a prevalência e manutenção de suas ideias. O que corroborou o pensamento de que interações comunicacionais, no âmbito emocional, ocorreram em referência a gradientes” (SIGNATES; VENÂNCIO, 2018, p. 10). Segundo os autores, esse fator mostra uma dificuldade do conceito de comunicação de Marcondes Filho, porque nele a comunicação não pode “ser uma relação imperfeita, desengonçada, falha, imprecisa e com variações, mas deve ocorrer em excelência”.

Assim, afirmam que não estão em consonância com a Nova Teoria, ao pensar o “processo comunicacional por referência a gradientes emocionais”. Justamente porque para Marcondes Filho só há comunicação de forma “plena, completa em si mesma, se assemelhando ao pensamento platônico do mundo das ideias”. Para os autores, a comunicação não tem um “formato perfeito”; ela está sujeita a “equívocos, má interpretação, mau raciocínio, má-escuta, gradientes comunicacionais etc., [mas,] apesar disso, não deixa de

ser comunicação”. Portanto, a comunicação não pode ser identificada quando manifesta em sua “excelência, como causa *finalis*”; o correto é ficar atento aos movimentos da comunicação na variável tempo (SIGNATES; VENÂNCIO, 2018, p. 10).

Dadas as contribuições dos comentadores, cabe discutirmos a obra de Marcondes Filho e elucidarmos de forma direta e indireta os pontos criticados e problematizados pelos comentadores.

### Comunicação, uma ciência autônoma?

Na visão de Marcondes Filho (2018a, p. 13), uma ciência se caracteriza pela definição de um objeto e pela formulação de um procedimento de pesquisa. A delimitação do objeto diz respeito à ontologia, ou seja, a um estudo sobre o *ser* da coisa. No procedimento de pesquisa, que diz respeito à epistemologia, deve ser levado em conta o caráter do objeto para formar os seus pressupostos, pois é apenas nessa sintonia que pode ser produzido o conhecimento. A ciência, assim, é capaz de mostrar seu refinamento teórico e conceitual, opondo-se ao senso comum a respeito do objeto.

Na questão da ontologia, a comunicação não pode ter uma definição rígida e fixa, ou seja, não é possível dizer *o que é* a comunicação, apenas podemos delimitar características ontológicas comuns a cada revelação do objeto. Por conta da volatilidade de suas características ontológicas, a definição do objeto da comunicação se distancia grandemente da concepção usual de objeto científico. Cabe ao estudioso da ontologia da comunicação trabalhar os “sintomas” que “circundam o objeto” e discutir suas formas e possibilidades. Essa ideia de objeto é oriunda da concepção de Martin Heidegger sobre o *ser* e o *tempo*<sup>6</sup>. Segundo Marcondes Filho (2018a, p. 13), o ser da comunicação é um ser “*no tempo*”, um “*está sendo*” que não se reduz a um “*é*”. Portanto, a pergunta ontológica sobre a comunicação deve ser redimensionada para: *como se revela a comunicação?*

Por ter essa característica, a fundamentação ontológica da comunicação se opõe diretamente à definição platônica que se fundamenta pela pergunta “*o que é?*”. Deste modo, não cabe a crítica de Signates e Venâncio (2018) ao conceito de comunicação da Nova Teoria. Primeiro, porque a comunicação não é um fenômeno que apenas ocorre *em excelência*; em segundo lugar, as prerrogativas básicas que caracterizam o fenômeno não anulam sua singularidade, como ocorre no *eidós* de Platão; terceiro, porque a comunicação não pode ser dissociada dos conceitos de sinalização e informação, pois é a relação dessa tríade que nos permite identificar uma comunicação e diferenciá-la de uma informação; e quarto, por conta da natureza do fenômeno, que é da ordem do incapturável, do feminino – ele não pode ser tratado como uma forma ideal, pura e abstrata, como alerta o próprio Marcondes Filho (2018a, p. 17):

Este saber não se envolve no “que é” mas no acontecer (ou não) da coisa. Jamais poderemos efetivamente explorar a natureza do fenômeno, seu lado ontológico *stricto sensu*, exatamente por se tratar do incapturável, daquilo que não se deixa apanhar, do eternamente fugidivo, na linguagem de

<sup>6</sup> Sobre a relação de Marcondes Filho e Heidegger, ver: Libanio e Moreira (2017) e Libanio (2018a; 2018b).

Levinas, o “feminino”, a alteridade *tout court* [...]. Não há a pesquisa do “que” na comunicação, apenas da ocorrência ou não do efeito, do fato de se produzir o abalo, de ter a potência de nos tirar dos trilhos.

Percebemos que se trata do estudo de algo incapturável, que nunca revela sua face *stricto sensu*, mas que está no tempo, deixando suas marcas. O objeto, portanto, é dotado de certa sensualidade – ele possui uma nuance e, claro, plena *autonomia*. Ao estudioso, resta se debruçar sobre os rastros desse “belo estranho” (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 17).

A identificação desse objeto no mundo se dá como fenômeno, caracterizado pela forma de acontecimento, algo da ordem do espontâneo e do singular, uma ocorrência de um evento notável (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 13-14). Esse evento é raro, e quem é afetado por ele transforma-se efetivamente. Existe um *antes* e um *depois* da comunicação. A partir de um encontro contingente, surge algo novo; os indivíduos (ou um indivíduo) da relação são abalados e passam a rever os seus pressupostos; ocorre a produção de *sentido* – eles não são mais os mesmos, ocorreu a comunicação. A força motora desse evento está no sensível, nas afecções que transbordam a língua e a linguagem, no tocar a pele e ser tocado, no “peso” do ar, na presença inviolável do rosto do Outro, na alteridade que rompe o terreno do comum, da reciprocidade, revelando a assimetria da relação. A comunicação é diferença e mistério. Portanto, ela está no campo da estética<sup>7</sup>, como colocam de maneira correta Marques e Martino (2018).

Comunicação, nesse sentido, não tem a ver com “compartilhar”, “tornar comum”, nem se aproxima de noções derivadas do termo *religare* (MARCONDES FILHO, 2019a, p. 10-11). Ela é algo que surge e violenta um fruidor, tornando-o outro. Mesmo se o evento ocorrer com um grupo de pessoas, ele será sentido e vivenciado singularmente, pois em cada experiência ocorre uma combinação única dos elementos ontológicos, que se chocam com o indivíduo e suas concepções, culminando em novas formas de ser, estar e pensar.

O acontecimento comunicacional não se reduz a um *processo*. Este é de ordem linear, histórica, empiricamente identificado. A comunicação em si não existe, pois ela não é vista, não é demarcada de forma rígida, não está no campo de quem fala ou se expressa, mas na potencialidade da fruição, e, por isso, não pode ser “*identificada empiricamente*” (MARCONDES FILHO, 2019a, p. 11, grifo nosso). O caráter do acontecimento se assemelha ao da singularidade da aura que surge quando se observa um horizonte (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 30). Ou seja, se a comunicação não é um processo, então, *ela não é meio ou causa final*, como argumentam Signates e Venâncio (2018). Portanto, não há como prever a comunicação, analisá-la ou controlá-la a partir de dados empíricos colhidos da internet, assim como fazem outras abordagens de estudos da comunicação, porque esse fenômeno, para a Nova Teoria, refere-se a algo que está em outra esfera de estudos, de tal modo, que essas categorias não podem ser usadas.

O acontecimento comunicacional é um *fenômeno* – portanto, a única “categoria” em que ele pode ser inserido é esta. Conseqüentemente, para Marcondes Filho (2010a, p. 253

<sup>7</sup> Essa discussão está presente nos textos de Marcondes Filho (2010a, p. 10 e 22; 2017b; 2018a, p. 55 e 71; 2019a, p. 31).



e 311; 2018a, p. 31), a esfera de estudos que mais se aproxima da comunicação é a fenomenologia; por isso, toda e qualquer crítica a sua fundamentação deve levar em conta esse pressuposto, que não é considerado pelos comentadores citados no primeiro tópico.

Para Marcondes Filho, o precursor dessa área é Edmund Husserl, que entende o fenômeno como aquilo que “aparece ou se manifesta”, cabendo ao estudioso se dedicar a essa revelação. Porém, é necessário se livrar dos modelos, das posições filosóficas e científicas, das concepções, das categorias, e “retornar às próprias coisas”, respeitando-as como manifestações singulares. Entretanto, esse “retornar às próprias coisas” merece cautela, pois, para Husserl, não há coisas no mundo, “não há mundo”. As coisas, em sua perspectiva, não são objetos físicos, exteriores ao corpo do “observador”, mas são “aquilo que está presente *no pensamento*”. É a consciência que constitui o mundo e “atribui sentido às coisas” (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 31-32).

Husserl ainda se insere no prisma do pensamento moderno, pois não consegue se afastar do cartesianismo que separa *res extensa* e *res cogitans* (MOURA, 2001, p. 284-285). Isto é sabido pelas críticas de Maurice Merleau-Ponty, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Félix Guattari, entre outros autores. O que Marcondes Filho (2018a, p. 32) quer propor com a fenomenologia é um “outro olhar” sobre essa concepção filosófica, pois as críticas devem ser levadas em conta e a discussão sobre o fenômeno da comunicação deve partir do debate atual sobre a fenomenologia<sup>8</sup>.

Mesmo com as críticas, segundo Marcondes Filho (2018a, p. 33), a fenomenologia é a área de estudo que mais se aproxima da ideia de acontecimento comunicacional, porque ela é a única a estudar como um fato atinge um indivíduo e o faz pensar sem cair em concepções psicológicas ou puramente cognitivas. Ela apenas propõe um “olhar filosófico” e uma descrição dos fatos que atingem os sujeitos e os transformam. Outro ponto é que apenas a fenomenologia adverte o estudioso a se despir de seus pressupostos e juízos, a fim de deixar a coisa acontecer, dando autonomia para o fenômeno, para que ele conduza a situação. Além disso, Husserl define a sua ciência como “anexata”, ou seja, nem exata nem inexata, mas uma ciência rigorosa, capaz de produzir um conhecimento novo a cada estudo, sendo que é exatamente com esse caráter que Marcondes Filho propõe discutir a ciência da comunicação.

Deste modo, na tentativa de argumentar com a crítica de Marques e Martino (2018), sobre qual concepção de ciência sustenta a Nova Teoria da Comunicação, pontuamos que é a ideia de ciência anexata da fenomenologia que sustenta a proposta de Marcondes Filho. O autor está propondo uma ciência no campo da estética, do sensível, que não depende da exatidão de seus resultados e de seus métodos *a priori*, mas da descrição e da reflexão filosóficas das revelações dos fenômenos comunicacionais. A crítica mais relevante dos comentadores é questionar se a Nova Teoria cairia, por conta de sua abordagem, em um subjetivismo. Este, na verdade, é um problema comum a todas as epistemologias das ciências humanas que não se fundamentam em um paradigma realista da ontologia ou em um

---

<sup>8</sup> No caso, sobre a fenomenologia que se ancora, de alguma maneira, em Husserl. É necessária essa ressalva porque o pragmatismo norte-americano também entende a comunicação como fenômeno, porém na perspectiva do realismo ontológico.

estruturalismo, que justificam a cognição pelo aspecto comum e real da exterioridade do fenômeno. Tais abordagens também têm seus problemas. Deste modo, resta nos debruçarmos sobre essas questões e pensar em alternativas, que não cabem neste artigo, pois exigem uma pesquisa muito densa e ampla em filosofia e em ciências humanas.

Na perspectiva de estudo da Nova Teoria, cabe ao pesquisador da comunicação perceber os sinais que o afetam e notar os seus desdobramentos em seu interior, descrevendo as possíveis mudanças que o mundo está provocando na duração da relação e quais foram as suas marcas na constituição do Eu. Essa escrita remete a um saber do mundo vivido anterior às ciências, o qual a ciência sempre se remete em suas proposições (MARCONDES FILHO, 2010b, p. 129). Não se trata, portanto, de uma escrita exata, mas sim de uma escrita possível, pois o sensível e a linguagem estão em estratos diferentes para a Nova Teoria. Esse fato não seria um problema, pois a descrição filosófica da experiência é uma documentação para o futuro debate entre os pares, para que possam refletir se o fenômeno descrito está dentro das delimitações ontológicas da comunicação. Assim, acreditamos que seja perfeitamente possível a discussão entre os pares sobre os relatos de pesquisa da comunicação, ao contrário do que pensam Marques e Martino (2018).

A descrição do fenômeno e os estudos sobre as características ontológicas do acontecimento *não negam o movimento*. Marcondes Filho (2018a, p. 34) trabalha com uma ideia de saber que se constrói de maneira nova a cada pesquisa, pois a descrição é sobre um fato singular do mundo vivido que não se aplica na pesquisa seguinte. Por conseguinte, não se trata de cair em um círculo metafísico das essências últimas, como propõem Signates e Venâncio (2018); trata-se da pesquisa sobre o mundo concreto e sua constante mudança. O elemento que marca o estudo do comunicacional é o *devenir*, a incorporação dos afetos na existência do sujeito, produzindo um salto, algo novo, constituindo um novo indivíduo. Nesse sentido, Marques e Martino (2018) acertam ao dizer que o centro da teoria seria a possibilidade de uma epistemologia que não se forma na explicação, mas na vivência e na descrição do acontecimento.

Dadas as discussões, podemos dizer que a *fenomenologia da comunicação* proposta por Marcondes Filho aponta para dois caminhos. O primeiro deles se direciona à *filosofia da comunicação*, cabendo ao pesquisador discutir as bases teóricas do fenômeno da comunicação, pensando na sua problemática ética e ontológica. O outro caminho é o da *comunicologia*, em que o pesquisador trabalha com o metáporo como procedimento de pesquisa, relatando o fenômeno e refletindo sobre ele, com vistas a formar uma nova proposição, tornando possível a discussão e a problematização do estatuto filosófico da comunicação entre os pares.

### **Nem todo acontecimento é comunicacional**

Em seus trabalhos mais recentes, Marcondes Filho especifica a diferença entre acontecimento e acontecimento comunicacional. A delimitação é importante porque a pesquisa da comunicação se volta à forma de acontecimento que está em estrita relação com as ideias de intencionalidade e alteridade, caras à fenomenologia.

A primeira definição mais clara a esse respeito aparece no texto *Comunicação e revelação*, em que o autor discute a obra de Emmanuel Levinas. Em linhas gerais, na leitura de Marcondes Filho (2017a, p. 22), o acontecimento, para Levinas, é algo que cai sobre o

sujeito e exige uma resposta responsável para com o Outro. Por exemplo, em um desastre natural, algo acontece e leva um sujeito a ajudar uma pessoa que está ferida. Para a Nova Teoria, o acontecimento não é algo que “cai” sobre sujeito e exige uma resposta. Assim, acontecimentos como desastres naturais ou a morte de alguém próximo não se caracterizam como comunicação. Nesses casos, falta o componente da intencionalidade (MARCONDES FILHO, 2017a, p. 27-28).

Em outro ensaio, intitulado *Sobre a comunicação com pessoas, animais e máquinas* – um dos capítulos de *Comunicologia ou mediologia?* –, Marcondes Filho (2018a, p. 55) aprofunda mais a questão. Ele delimita que o acontecimento comunicacional só “é possível com a alteridade”, uma “alteridade radical”, um Outro capaz de provocar algo diferente no indivíduo. A alteridade precisa emanar um sinal ativo que possa afetar um sujeito, fazendo-o voltar sua atenção para ele, formando uma relação. A questão é que o sinal do *alter* pode afetar o indivíduo desejado ou não, pois uma “emissão” não ocasiona necessariamente uma “recepção”. Em outras palavras, o Outro deve aparecer como expressividade, e essa *intenção* é o que chega ao sujeito, podendo provocar o acontecimento. Na comunicação, afirma o autor, a “interferência do outro radical é marcada pela comunicabilidade desse outro, por algo que vem do ser vivo, especialmente humano, seja individual, coletiva ou simbolicamente, e que deseja me tocar, me atingir, me influenciar”.

Na obra *A comunicação do sensível*, o autor complementa a discussão, ao dizer que um acontecimento sem a presença da intencionalidade pode gerar uma transformação, uma revisão de pressupostos, mas não se caracteriza como comunicação (MARCONDES FILHO, 2019a, p. 18-19). O que caracteriza um acontecimento comunicacional é a confrontação de uma dada situação em que um indivíduo percebe e traduz uma “mensagem” vinda de uma alteridade. Em outras palavras, para acontecer a comunicação é necessária a percepção de uma expressão, de uma intencionalidade, que remete o fruidor a algo. Se essa expressão tocar o indivíduo, provocar pensamentos, forçando-o a rever os seus pressupostos e mudar sua concepção de mundo, então esse acontecimento produziu sentido, a relação criou um elo misterioso e gerou um devir, revelando um acontecimento comunicacional.

Nenhuma das críticas tocaram nesse aspecto do projeto de Marcondes Filho, muito menos associaram a questão do acontecimento à fenomenologia, o que pode gerar interpretações destoantes das ideias que fundamentam a Nova Teoria, levando a possíveis equívocos, interpretações metafísicas, pós-estruturalistas, sociológicas ou vinculações injustificadas ao kantismo.

## A ontologia da comunicação

Delimitamos até o momento as bases da ciência da comunicação. Foram discutidos alguns pressupostos ontológicos e as possibilidades de estudo. Neste tópico, buscamos ampliar o debate, delimitando ontologicamente os aspectos do acontecimento.

Três aspectos ontológicos foram discutidos brevemente: o ser da comunicação como um *está sendo*, um *ser no tempo*; a questão do feminino, que diz respeito à *incapturabilidade* e

ao *mistério* da comunicação<sup>9</sup>; e a alteridade<sup>10</sup>, que remete à ideia de que a comunicação não existe sem o Outro, *sem a expressão do diferente que provoca a diferença*. Porém, o acontecimento comunicacional não se reduz a estes elementos. Enumeramos, então, os demais elementos ontológicos que compõem o acontecimento comunicacional. Não propomos esgotar cada um deles, mas sim expô-los na tentativa de mostrar a complexidade do fenômeno<sup>11</sup>.

### 1) O aspecto da abertura

Se o indivíduo permanecer fechado no seu Eu, não há a possibilidade de a comunicação acontecer. Esta só é possível quando um indivíduo se abre para receber a alteridade. Se essa abertura não acontece, a relação pode gerar uma informação – por exemplo, um indivíduo pode se voltar para determinado sinal, estabelecer uma relação com ele, adicionar algo ou não aos seus pressupostos, mas não necessariamente se transformar. Por outro lado, a abertura para o diferente não garante a efetivação do acontecimento comunicacional, pois é necessária a mudança, a produção de sentido (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 21 e 38). Portanto, a abertura diz respeito a uma postura ética, porque é apenas esvaziando o Eu para acolher o diferente que a comunicação pode acontecer (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 42-43).

### 2) O erotismo da comunicação

Este aspecto diz respeito à fruição da relação, ou seja, é o componente que mostra que a comunicação tem nuances, um movimento autônomo, sensual, envolvido de mistério. Consequentemente, o componente erótico tira a comunicação dos limites da razão, da organicidade do processo, eliminando qualquer *olhar técnico sobre a comunicação*, pois trata-se de algo da ordem do estético (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 29).

No âmbito social, a comunicação é uma transgressão, porque ela rompe com a linearidade do cotidiano, com os padrões sociais, com os pressupostos do próprio ego<sup>12</sup>. Deste modo, é necessário evidenciar que Marques e Martino (2018) abordam essa questão da obra de Marcondes Filho em um plano conceitual e teórico no qual ela não se encaixa. A discussão do autor não diz respeito à ideia de cotidiano e de real lançada por Peter Berger e Thomas Luckmann, e sim remete à ideia de transgressão da linearidade da sociedade do trabalho de Georges Bataille. Nesse sentido, o conceito de comunicação provoca uma reestruturação dos pressupostos, afetando o cotidiano em dois aspectos: o primeiro é que a mudança de pressupostos leva a uma reinterpretação do cotidiano e da vida; o segundo é que não há necessariamente um caos – a reestruturação acontece no período de incubação,

---

<sup>9</sup> Para um aprofundamento da questão ver: Marcondes Filho (2018a).

<sup>10</sup> Esse debate também se encontra em Marcondes Filho (2010a) e em Libanio (2018a).

<sup>11</sup> Em algumas conversas que tivemos com Marcondes Filho, foram ressaltadas as possibilidades de ampliação e de aprofundamento desses aspectos ontológicos. Os elementos citados neste texto trazem o panorama “descoberto” e pesquisado até o momento.

<sup>12</sup> É necessário ver o comentário que Marcondes Filho faz sobre Georges Bataille, pois o conceito de comunicação deste autor é relevante, mas é diferente do conceito de acontecimento comunicacional. Marcondes Filho apenas retira traços e características do conceito para trabalhar a noção de comunicação. Ver: Marcondes Filho (2008; 2018a), Libanio (2018a) e Libanio e Moreira (2017).

em que as referências não são perdidas, mas redimensionadas. Por isso, o acontecimento comunicacional é raro, caso fosse recorrente, a vida seria um caos.

### 3) A questão da *violência*<sup>13</sup>

Trata-se da relação com a alteridade que provoca um choque no indivíduo, fazendo-o pensar. A violência é o encontro do “bisturi com a carne”, diz respeito a uma “virada” qualitativa da relação, tornando-a mais densa e profunda (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 95). Portanto, esse é o ponto inicial para a produção de sentido, pois sem a violência não há comunicação (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 14).

Como surge essa violência? No campo do *sensível que é expresso na linguagem e para além dela*. Porém, ao tratar da linguagem, Marcondes Filho (2018a, p. 15) não se refere a concepções que remetam a análises linguísticas ou discursivas<sup>14</sup>. Para sustentar sua concepção de linguagem o autor recorre ao pensamento estoico. Para essa corrente da filosofia, na leitura de Marcondes Filho (2004a, p. 37), a linguagem faz parte da materialidade da vida, porque as palavras são corpos. Quando um indivíduo pronuncia uma palavra, ela age ao chegar aos ouvidos do Outro. Diferentemente, o atributo dado à palavra, o significado, é incorpóreo. Contrariamente à ideia moderna de significado, o incorpóreo não está atrelado à palavra, dado que ele é relacional e singular, pois surge em um contexto determinado. Para Marcondes Filho (2010a, p. 61 e 74; 2018a, p. 18), o *incorpóreo* tem uma carga energética capaz de produzir um clima, uma atmosfera. Quando o incorpóreo “toca” o sujeito, algo o sacode, o violenta, o faz pensar. Se seus pressupostos não são mais os mesmos após o choque, se houve a efetivação da mudança, então o incorpóreo produziu sentido.

### 4) Enfim, a questão do *sentido*

O sentido não se reduz à linguagem – ele diz respeito à percepção dos afetos que um indivíduo sofre, provocando o pensamento, gerando a intuição de que não é mais o mesmo depois de ter sido impactado pelo incorpóreo. Em outras palavras, após o choque, o sujeito passa a problematizar seus pressupostos, rever suas posturas e ideias, incubando o que lhe afetou. A incubação tem uma temporalidade – ela diz respeito a esse embate interior que o indivíduo tem após a percepção dos afetos. Em um dado momento, surge uma intuição, o sujeito percebe que não é mais o mesmo: ocorreu a produção de sentido, aconteceu a comunicação. O sentido, portanto, é o elemento ontológico que consolida o acontecimento comunicacional (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 85 e 95-96).

Aqui, temos uma concepção de linguagem diferente da noção discutida por Marques e Martino (2018) e por Signates e Venâncio (2018), que separam o acontecimento de sua inscrição ontológica na linguagem. No sentido dos estoicos, a linguagem nasce na relação, na imanência, gerando afetos que a transcendem de algum modo, como os provocados pelos incorpóreos. Deste modo, o acontecimento é dotado de diversos aspectos da linguagem, assim como a expressão do relato de pesquisa, em que visa-se descrever o acontecimento de maneira que o texto possa provocar o surgimento dos incorporais, para que o seu

<sup>13</sup> Libanio (2018b) dedicou um ensaio a esse aspecto ontológico, discutindo suas raízes filosóficas.

<sup>14</sup> Esse debate também se encontra em Marcondes Filho (2018a, p. 107-119).

leitor seja afetado pelo texto de uma maneira estética, sensível, e não só científica e rigorosa. Marcondes Filho não é ingênuo de esperar que o relato traduza a experiência do acontecimento, como apontam os comentadores; trata-se de algo de outra natureza, mas que tem a sua devida importância para a documentação, a divulgação e a discussão entre os pares.

Podemos observar nas discussões deste tópico que a comunicação dialoga com os conceitos de informação e sinalização. É necessário, portanto, delimitar tais conceitos para chegar à epistemologia da comunicação tendo clareza das proposições a serem discutidas.

### **Sinalização, informação e comunicação**

A comunicação não é algo isolado como colocam os comentadores citados, mas está vinculada à sinalização e à informação. Esses conceitos abrem o horizonte para diversas relações que um indivíduo tem com o mundo – portanto, ampliam o escopo da Nova Teoria da Comunicação. Em síntese, o conceito de comunicação *não* pode ser discutido sem ser levado em conta os seus aspectos ontológicos, a informação e a sinalização. Caso contrário, de fato, a comunicação seria algo restrito.

Para Marcondes Filho (2010a, p. 15), a vida é uma constante emanção de sinais, porque tudo sinaliza. Porém, existem duas formas de sinalização: a ativa e a passiva. A sinalização passiva diz respeito aos sinais que são emanados de forma não intencional, como a forma de andar de uma pessoa, a cor dos seus olhos, o verde da copa da árvore, um assvio pela manhã, por exemplo. A sinalização ativa se refere a uma intenção de fala ou de expressão de um indivíduo, indicando uma intencionalidade. Em outras palavras, um sinal ativo é o envio de uma mensagem com a intenção de “tocar” uma ou mais pessoas. Uma publicidade, um filme, uma mensagem por aplicativo, chamar uma pessoa, são exemplos de sinalização ativa. Em contrapartida, existem sinais conscientes que nada dizem, pois são utilizados apenas para “lubrificar” as relações cotidianas – como aquele “*Tudo bem?*” que, na verdade, não deseja saber nada sobre o estado do Outro, não constituindo efetivamente um vínculo (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 87).

A sinalização ativa atinge seu objetivo quando um Outro se volta para o sinal, formando um vínculo. Esse vínculo pode se estabelecer pela autonomia do indivíduo ou por agentes externos que podem forçá-lo a isso. O segundo caso ocorre quando as estruturas e as organizações macrossociais influenciam diretamente ou indiretamente a decisão do estabelecimento de uma relação (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 16-18). Estabelecida a relação, o sinal deixa de existir, muda o seu caráter, podendo gerar comunicação ou informação, dependendo da densidade da relação. Tal fator remete à ideia de que a comunicação e a informação surgem na relação – não podem, portanto, ser tratadas como uma “coisa”, uma ideia ou algo abstrato que existe por si só (MARCONDES FILHO, 2019a, p. 13).

A informação é o que dá elementos para um indivíduo agir no mundo, formar suas opiniões e o seu imaginário (MARCONDES FILHO, 2013a, p. 26); por isso, ela não provoca atrito. Sua importância está no fato de colocar as pessoas em contato com as coisas que estão acontecendo no mundo, para que elas possam orientar a sua semana, seu mês ou seu ano. Em um jornal, portanto, existem notícias, que nada mais são do que sinais intencionais que podem se tornar informações quando passadas pela seleção do receptor; dependendo da forma com que se estabelece a relação entre a reportagem e o leitor, pode ser

provocado um acontecimento comunicacional (MARCONDES FILHO, 2019a, p. 12-13). Portanto, as interações que ocorrem no cotidiano são, em sua grande maioria, fenômenos informacionais.

A vida de cada indivíduo oscila entre a repetição da informação e a diferença da comunicação (MARCONDES FILHO, 2019a, p. 12). A primeira tem caráter conservador, busca reforçar o que já existe; a segunda é progressista<sup>15</sup>, revela o novo, provoca uma reestruturação das bases, podendo ser descrita como uma “destruição criativa” (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 15).

O conceito de comunicação, já discutido em diversos aspectos neste texto, também tem algumas especificidades. Em síntese, o acontecimento comunicacional é a produção de sentido. Porém, Marcondes Filho propõe algumas sínteses. A primeira delas aparece no texto *O rosto e a máquina*, da seguinte forma:

Quando o novo dado altera nossos padrões anteriores, refaz nossa visão das coisas, cria sentido; então, aí e somente aí, realiza-se a comunicação. Assim, comunicação é uma afecção que desestabiliza a função cerebral de acoplamento a uma memória anterior, que seria tranquilizante. Ela cria memória (MARCONDES FILHO, 2013a, p. 22-23).

O que foi lapidado dessa proposição é que não basta o impacto. Algo violenta o sujeito, impulsionando-o a pensar e, em um movimento racional e intuitivo, a perceber que não é mais o mesmo, suas formas de pensar, ser e estar mudaram. O evento criou memória, produziu sentido, aconteceu a comunicação. No espaço de reflexão, após a violência da experiência, ocorre o que o autor denomina de tempo de *incubação*. Aqui, o conceito se afasta de qualquer possibilidade de interpretação que o aproxime de um estímulo-resposta ou de algo puramente cognitivo:

Não basta o impacto. Para uma observação comunicacional eu tenho que considerar o momento da não comunicação, o espaço de tempo de seu desaparecimento, o momento do silêncio, do calar das vozes, do escuro das telas, do branco das paredes, da cortina do teatro, da última capa do livro fechada. Esse é o *momento da incubação*. Momento da realização da comunicação (MARCONDES FILHO, 2018a, p. 16).

Na visão de Marcondes Filho (2018a, p. 28), a incubação é um processo, um movimento mental, em que o indivíduo está “tentando lidar” com o elemento estranho que surgiu no fim da relação, que mobilizou sensações e que está tentando se alojar como memória. A esse intervalo, do fim da conversa até o momento em que o sujeito percebe que não é mais o mesmo, o autor chama de “temporalidade do acontecimento comunicacional”. Quando o processo se encerra, a comunicação aconteceu. Aos comunicólogos, cabe estudar esse processo.

---

<sup>15</sup> Em um sentido de caráter, oposto ao conservadorismo.

Nesse ponto, Marques e Martino (2018) fazem uma crítica muito relevante. Eles questionam se o tempo de incubação não corresponderia a um tempo de dissolução do acontecimento, pela dificuldade de refletir sobre os afetos do vivido, na tentativa de inscrevê-los ontologicamente no campo da linguagem. Essa questão é fundamental. Marcondes Filho coloca o tempo de incubação como algo mental. O momento após a experiência é essencial para o amadurecimento dos afetos e para o surgimento da intuição intelectual estimulada por eles, que vai nos apontar se ocorreu ou não a comunicação. A inscrição no campo da linguagem é natural e sempre fará com que ocorram “perdas” em relação à experiência, que é intraduzível.

Com relação a essa discussão, estamos de acordo com Marcondes Filho no último aspecto mencionado. Porém, no que diz respeito ao tratamento da incubação como algo mental, não estamos de acordo, porque a incubação pode não se restringir a esse âmbito cognitivo, dado que é necessário levar em conta os aspectos corporais, atmosféricos e a questão do tempo do acontecimento, que aparentemente é mais amplo que o da incubação – ou seja, o acontecimento se inicia na exposição ao fenômeno e se finda na intuição intelectual, não se reduzindo ao momento após a experiência. Esse desacordo nos leva a algumas questões. A comunicação se reduz, como aponta Marcondes Filho, ao processo da incubação? O acontecimento e toda a sua dimensão ontológica se encerram em um processo mental? Acontecimento e processo não seriam questões ontológicas de ordens distintas?

## A epistemologia da comunicação

A epistemologia da comunicação deve estar de acordo com os pressupostos da ontologia, de modo que as discussões e as críticas devem partir disso. Como se trata de uma fenomenologia da comunicação, os pressupostos da pesquisa e o seu relato devem estar, conseqüentemente, em sintonia com essa visão de mundo. Vale lembrar que não existe dado empírico para a fenomenologia, pois o *fenômeno transcende o empírico*, o que faz com que o trabalho do pesquisador seja algo diferente da análise de dados, não existindo uma relação sujeito-objeto, pelo menos na perspectiva da Nova Teoria. Essas questões não são levadas em conta pelos comentadores da obra de Marcondes Filho, que o questionam sobre uma relação entre empiria e epistemologia que não se aplica à fenomenologia.

A produção de Marcondes Filho sobre epistemologia da comunicação está sintetizada de maneira introdutória em *O rosto e a máquina* (2013a). A discussão mais aprofundada e consolidada encontra-se em *O conceito de comunicação e a epistemologia metafórica* (2010a). Os novos debates sobre a pesquisa em comunicação e a ideia de incubação estão em *Comunicação ou mediologia?* (2018a) e em *A comunicação do sensível* (2019a). Portanto, é necessário pontuar que, ao longo das discussões, ocorreram mudanças na forma de pensar do autor.

Em um primeiro momento, podemos dizer que a ideia do autor, ao formular o *metáporo*, era contrapor a concepção de método na ciência, ideia que ele manteve até nos seus últimos textos. Segundo Marcondes Filho (2010a, p. 261-262), o *método* (meta + odos) tem como pressuposto um caminho a ser seguido, que é construído anteriormente à pesquisa. Já o *metáporo* (meta + poros) tem como pressuposto o caminhar pela abertura caótica dos



poros<sup>16</sup>, que são passagens que o pesquisador pode percorrer quando for vivenciar o seu trabalho. Deste modo, não cabe a ele tentar controlar o que está acontecendo na pesquisa ou fechar a sua percepção para um elemento. A única coisa que ele pode controlar é a intenção de se expor a um encontro, sendo que este encontro diz respeito a uma relação que o pesquisador ainda não vivenciou, algo novo, propriamente. Seu objetivo é identificar a produção de sentido ou não, depois da experiência, descrevendo-a em um relato. Por conseguinte, não existe a possibilidade de forçar o acontecimento como apontam Marques e Martino (2018), pois o pesquisador se propõe a viver uma experiência que não viveu, e, ao emergir na pesquisa, pode sair transformado por ela ou não. Em outras palavras, a pesquisa metapórica não obriga a ocorrência do acontecimento ou deprecia a sua ausência, dado que, quando a comunicação não ocorre, há a constatação de um fenômeno informacional, que tem tanta importância quanto a comunicação.

Existem duas formas de se realizar a pesquisa metapórica, no que diz respeito à comunicologia. A primeira é derivada da psicanálise (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 95), baseando-se em uma auto-observação; ao se expor a um encontro, o pesquisador se “observa”, se atenta à percepção dos efeitos dos atritos dos corpos, à atmosfera do lugar, às dinâmicas das relações, etc. Na segunda forma, o estudo se baseia na “observação” de uma situação que envolve duas ou mais pessoas; nela, cabe ao pesquisador perceber as reações das pessoas durante a pesquisa e possíveis efeitos após a experiência, fazendo uma leitura imersiva do contexto, dialogando com os pares, para apontar se houve ou não a comunicação (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 261 e 266). Porém, a segunda forma sempre ficará dependente do relato do outro sobre a experiência, o que tornará o relato do pesquisador um *relato do relato*; outro problema é que o pesquisador faz a *leitura* do Outro, podendo remeter a uma ideia de análise que não se encaixa no metáporo<sup>17</sup>.

Marques e Martino (2018) se equivocam quando se referem ao trabalho de Marcondes Filho como uma pesquisa metapórica, abordando o texto do autor como um relato que recorta o relato dos alunos, que já tiveram perdas dos afetos do acontecimento ao colocarem o estético no campo da linguagem. Na verdade, o relato metapórico é uma descrição de um pesquisador sobre os afetos da pesquisa – ele é o principal porta-voz, e não um terceiro; portanto, a crítica dos autores só procede na questão da inserção da experiência no campo da linguagem. Vale ressaltar que esse é um problema comum em estudos que trabalham com relatos, descrições, dados qualitativos, etc., pois toda inscrição desses elementos na linguagem acarretará perdas.

Nos escritos de Ciro Marcondes Filho publicados até 2013, delimitam-se três etapas do procedimento de investigação. A primeira delas é a delimitação das condições em que a pesquisa irá ocorrer, em que é selecionada uma experiência nova a ser vivida (por exemplo, um pesquisador que nunca foi a um concerto musical pode se habilitar a essa experiência e pesquisar se ela produz sentido ou não). A segunda etapa é a vivência da pesquisa, em que o pesquisador se expõe aos afetos do encontro que ele delimitou previamente. A

---

<sup>16</sup> Sobre a questão dos poros da comunicação, ver: Oliveira (2016).

<sup>17</sup> Observações críticas sobre o relato metapórico são trabalhadas largamente por Ana Paula Teixeira (2013). Libanio (2018a) também faz considerações críticas ao relato em sua pesquisa metapórica.

terceira é a apresentação da vivência em forma de relato de pesquisa, em que o pesquisador deve lançar mão de técnicas de escrita para tentar descrever os afetos que ele viveu e dizer se houve ou não a produção de sentido (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 265). Porém, com o conceito de incubação, podemos dizer que surge uma nova etapa, intermediária, entre a segunda e a terceira. Portanto, a partir das novas discussões sobre o metáporo, a pesquisa é composta por quatro etapas: delimitação das condições da pesquisa; vivência da pesquisa; período de incubação e reflexão sobre a vivência; produção do relato após a constatação do pesquisador de que houve ou não a produção de sentido. Cabe, portanto, discutir cada etapa.

Na primeira etapa, para ser bem delimitada a pesquisa metapórica, devemos levar em conta algumas especificidades básicas do acontecimento, como a novidade do fato e a sua constante mutação, o que remete à ideia de que o objeto da comunicação não se encaixa na concepção convencional de ciência. Na segunda etapa, o pesquisador deve estar atento à efemeridade do acontecimento, legitimando sua transitoriedade, ao acompanhá-lo em suas nuances, com vistas a captar suas intensidades. A terceira diz respeito às reverberações dos afetos no sujeito e a consequente incubação, processo mental em que os efeitos dos afetos provocam atritos no sujeito, que levam à intuição intelectual de que o acontecimento se efetivou ou não, pois ele nunca revela-se de antemão. Na última etapa, o pesquisador deve se ater aos afetos da experiência e às conclusões do período de incubação para registrar o relato. A escrita deve ser poética, mas ao mesmo tempo fiel aos detalhes, para que seja possível transpor ao texto algo *próximo* ao que foi vivido<sup>18</sup>. Dessa forma, o pesquisador registra documentalmente sua experiência e desenvolve um conhecimento novo, pois *o arranjo dos aspectos ontológicos da comunicação sempre é singular*, o que leva a uma reflexão sobre a experiência e sobre o objeto da comunicação, podendo ser colocadas em questão para os pares. Apesar de Marcondes Filho não mencionar, em seus escritos, a necessidade de inserir no relato as reflexões que a pesquisa gera, acreditamos que isso seja necessário, quer no próprio relato, em sua parte final, quer nas considerações finais de artigos em que a pesquisa for discutida<sup>19</sup>.

Sobre a terceira etapa, vale uma pontuação. Como já discutido, no tópico anterior, o período de incubação diz respeito ao momento posterior aos afetos, no qual o pesquisador reflete e intui se houve a comunicação ou não. Esta discussão é atual. No entanto, em *O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*, Marcondes Filho (2010a, p. 254) já sinaliza haver diferenças entre as formas de afeto, pois elas dependem das circunstâncias dos objetos estéticos que causaram a afecção. A atividade educacional, por exemplo, opera por acréscimos constantes de informação; com a variável do tempo, as verdades constituídas no aluno passam a ser questionadas, até o momento em que o embate interior começa a levá-lo a perceber que não é mais o mesmo. Esta percepção ocorre de modo intuitivo e

<sup>18</sup> É importante ressaltar que a linguagem não dá conta de abarcar as dimensões da experiência. Marcondes Filho (2004b) comenta sobre esse problema no texto *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?*. Durante o desenvolvimento da Nova Teoria, o problema da tradução do sensível na linguagem aparece em seus comentários sobre Henri Bergson (MARCONDES FILHO, 2010b; 2016a; 2019a).

<sup>19</sup> As discussões que aparecem de forma sintetizada nesse parágrafo estão aprofundadas em: Marcondes Filho (2010a; 2018a) e Libanio (2018a).

simboliza uma virada, uma transformação. Também existem fenômenos que provocam o choque, como “o cinema, a música, a contemplação estética em geral”, que são capazes de levar o receptor para “outro mundo”, provocando afetos que levam ao pensamento e ao questionamento. Portanto, a discussão sobre a incubação já existia na obra de Marcondes Filho, mas aparecia de outra forma. O intuito do autor, aparentemente, foi de lapidar a discussão para mostrar a variável do tempo em cada situação e mostrar que há um embate, uma luta interior após os impactos do incorpóreo, que pode culminar na produção de sentido. O que pode ser problematizado é se esse embate interior é puramente mental e se o acontecimento comunicacional se reduz a ele.

### Considerações finais

Ao longo do texto, foram problematizados alguns aspectos da Nova Teoria da Comunicação de Ciro Marcondes Filho, a partir do tensionamento entre as bases da teoria e as críticas de seus comentadores, na tentativa de apresentar pontos relevantes e contribuir para o desenvolvimento do debate. Ressaltamos que existem diversos problemas que ainda carecem de discussão, como a temporalidade do acontecimento, a incubação, o subjetivismo e a questão da ética da comunicação.

No que diz respeito à pesquisa em comunicação, em síntese, acreditamos que estaria mais alinhado às propostas ontológicas do autor um relato de pesquisa que abrangesse os movimentos do indivíduo que o levaram a uma relação, o durante e os seus efeitos. Por exemplo, em uma ida até o cinema, deveria ser levado em conta: a saída de casa; as nuances do trajeto até o local; a atmosfera da sala; as pessoas que estão presentes; o som; os movimentos das cenas; o “diálogo” com o diretor; os impactos da expressão cinematográfica; a saída da sala de cinema; a volta para casa; os efeitos do filme; os pensamentos que ele gerou; e a possível percepção de que algo transformou o indivíduo, provocando um antes e um depois. Esses fatores, em nossa concepção, não podem ser reduzidos à incubação como um processo mental, pois demarcam a temporalidade e o movimento do acontecimento em uma dimensão que está para além do cognitivo.

Se o estudo da comunicação se centrar em uma visão mental da incubação, a pesquisa e o conceito de comunicação da Nova Teoria podem se tornar algo de ordem processual, desvirtuando a própria ideia de acontecimento. Se a razão é colocada como fator fundamental, o sensível se torna apenas um veículo e não o centro do pensamento comunicológico.

### Referências

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da comunicação. *MATRIZES*, São Paulo, ano 6, n. 1, p. 25-41, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Nem rara, nem ausente – tentativa. *MATRIZES*, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 65-81, jul./dez. 2010.

LIBANIO, Deodato. Sobre os abalos, o novo e as lágrimas: um estudo sobre a construção do conhecimento comunicológico. In: OLIVEIRA, Danielle; LIESEN, Maurício (Orgs.). *Para comunicar o incomum: escritos em homenagem aos 70 anos de Ciro Marcondes Filho*. São Paulo: Paulus, 2018a. p. 110-151.

\_\_\_\_\_. Das coisas que fazem pensar: o problema da violência da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2018b.

\_\_\_\_\_.; MOREIRA, Benedito Diélcio. A comunicação como a revelação do novo: uma discussão sobre a Nova Teoria da Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A comunicação do sensível: acolher, vivenciar, fazer sentir*. São Paulo: ECA-USP, 2019a.

\_\_\_\_\_. Hora de reescrever as teorias da comunicação. *Questões transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação*, São Leopoldo, v. 07, n. 14, p. 4-12, jul./dez. 2019b.

\_\_\_\_\_. *Comunicologia ou mediologia? A fundação de um campo científico da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2018a.

\_\_\_\_\_. Pequenas percepções, grandes mudanças. Sobre a solidão, o tédio e a angústia dos jovens na era das altas tecnologias. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 27., 2018, Belo Horizonte. *Anais...* Brasília: Compós, 2018b.

\_\_\_\_\_. Comunicação e revelação. *Paulus – Revista de Comunicação da Fapcom*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17-28, jan./jun. 2017a.

\_\_\_\_\_. Elementos para a construção de uma comunicologia. De como melhor compreender a comunicação considerando-a como um evento estético. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. *Anais...* Brasília: Compós, 2017b.

\_\_\_\_\_. *Teorias da comunicação, hoje*. São Paulo: Paulus, 2016a.

\_\_\_\_\_. Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. *Anais...* Brasília: Compós, 2016b.

\_\_\_\_\_. *Nova Teoria da Comunicação. O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico*. v. 1. São Paulo: Paulus, 2013a.

\_\_\_\_\_. Um autômato espiritual pode ser forçado a pensar? Reflexões sobre a capacidade de avaliar os efeitos da comunicação no outro. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013, Salvador. *Anais...* Brasília: Compós, 2013b.

\_\_\_\_\_. A comunicação no sentido estrito e o metáporo. Ou porque a nova teoria não é estudo de recepção, etnografia nem tem a ver com Edgar Morin. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. *Anais...* Brasília: Compós, 2012.

\_\_\_\_\_. De repente, o prédio falou comigo. Anotações sobre experiências metapóricas em teoria da comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20., 2011, Porto Alegre. *Anais...* Brasília: Compós, 2011a.

\_\_\_\_\_. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga. *MATRIZES*, São Paulo, ano 5, n. 1, p. 169-178, ago./dez. 2011b.

\_\_\_\_\_. *O princípio da razão durante*. O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: Nova Teoria da Comunicação III. t. 5. São Paulo: Paulus, 2010a.

\_\_\_\_\_. *O princípio da razão durante*. Comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo: Nova Teoria da Comunicação III. t. 1. São Paulo: Paulus, 2010b.

\_\_\_\_\_. Paixão, erotismo e comunicação. Contribuições de um filósofo maldito, Georges Bataille. *Hypnos*, São Paulo, n. 21, p. 208-230, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. *Nova Teoria da Comunicação*. O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação. v. 2. São Paulo: Paulus, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004b.

MARQUES, Ângela; MARTINO, Luís Mauro. Duas perguntas metodológicas à teoria do acontecimento comunicacional: um diálogo em construção. In: OLIVEIRA, Danielle; LI- ESEN, Maurício (Orgs.). *Para comunicar o incomum*: escritos em homenagem aos 70 anos de Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2018. p. 43-64.

MOURA, Carlos Alberto. Entre fenomenologia e ontologia: Merleau-Ponty na encruzilhada. In: \_\_\_\_\_. *Racionalidade e crise*: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea. São Paulo, Curitiba: Discurso Editorial, UFPR, 2001. p. 271-293.

OLIVEIRA, Danielle Naves de. *Poros ou as passagens da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2016.

SIGNATES, Luiz; VENÂNCIO, Elizabeth. Reflexões acerca de método de pesquisa na perspectiva do metáporo, de Ciro Marcondes Filho. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 2., 2018, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Unisinos, 2018.

TEIXEIRA, Ana Paula. *O acontecimento comunicacional e a experiência de ensino*. Afeto. Arrebatamento. Subjetividades. 2013. 176 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2013.

**Deodato Rafael Libanio**

Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutorando (doutorado direto) em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Membro do Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (FiloCom). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Processo nº 2019/11739-3.